

ASTRID LINDGREN

Rônia

A FILHA DO BANDOLEIRO



Ilustrações
ILON WIKLAND

Tradução
FERNANDA SARMATZ ÁKESSON



Copyright do texto © 1981 by Astrid Lindgren/Saltkråkan AB
Copyright das ilustrações © 1981 by Ilon Wikland

Publicado originalmente em 1981 pela Rabén & Sjögren, Suécia.
Para mais informações sobre Astrid Lindgren: www.astridlindgren.com
Todos os direitos estrangeiros representados por Saltkråkan AB, Lidingö,
Suécia, representada no Brasil pela Vikings of Brazil Agência Literária e de
Tradução, Ltda. Para mais informações, escrever para info@saltkrakan.se.
A tradução desta obra foi apoiada pelo Swedish Arts Council.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original:

RONJA RÖVARDOTTER

Preparação:

ROGÉRIO TRENTINI

Revisão:

ADRIANA MOREIRA PEDRO

VIVIANE T. MENDES

Composição:

YUMI SANESHIGUE

Tratamento de imagem:

AMÉRICO FREIRIA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lindgren, Astrid
Rónia, a filha do bandoleiro / Astrid Lindgren;
tradução Fernanda Sarmatz Åkesson; ilustrações Ilon
Wikland. — 1^a ed. — São Paulo: Companhia das
Letrinhas, 2017.

Título original: Ronja Rövardotter.
ISBN 978-85-7406-790-2
1. Ficção — Literatura infantojuvenil I. Wikland, Ilon.
II. Título.

17-04314

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantil: 028.5
2. Ficção : Literatura infantojuvenil: 028.5

2017

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORARIA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletrinhas.com.br
www.blogdaletrinhas.com.br

Um

Na noite em que Rônia veio ao mundo, caía uma tempestade tão terrível que todas as criaturas misteriosas que viviam na floresta de Mattis fugiram assustadas para os seus esconderijos no subterrâneo. Apenas as horripilantes harpias nórdicas, que amavam tempestades, voavam, soltando gritos agudos em volta do castelo sobre a montanha de Mattis. O comportamento das harpias deixava Lovis, prestes a dar à luz, incomodada. Ela pediu a Mattis:

— Expulse essas harpias selvagens daqui! Preciso de silêncio, senão não escuto o som da minha própria voz!

Lovis achava que deveria cantar enquanto dava à luz, pois facilitava o parto e também porque acreditava que a criança seria uma pessoa mais alegre se nascesse ao som de uma canção.

Mattis apanhou o seu arco e atirou algumas flechas, através da pequena janela, em direção à floresta.

— Saiam daqui, suas harpias selvagens — gritou ele. — Esta noite eu me tornarei pai, suas bruxas!

— Ha-ha-ha! Ele será pai esta noite — gritaram as harpias. — Uma criança nascida durante uma tempestade dessas será pequena e muito feia, ha-ha-ha!

Mattis atirou mais uma vez em direção ao bando, mas elas apenas riram com desdém, voando mais alto e emitindo gritos assustadores.

Enquanto Lovis cantava à espera do nascimento de Rônia e Mattis tentava espantar as harpias, os ladrões de seu bando estavam acomodados junto ao fogo, no salão de pedra. Eles comiam, bebiam e faziam tanta algazarra quanto os animais. Os doze ladrões precisavam fazer alguma coisa para que o tempo passasse mais depressa naquela longa noite de tempestade. Seria a primeira vez que nasceria uma criança no castelo de Mattis.

O mais ansioso de todos era Skalle-Per.

— Esse filho de bandoleiro não vai nascer de uma vez? — perguntava ele. — Estou velho e cansado, a minha vida de bandido está chegando ao fim. Seria muito bom conhecer o herdeiro do nosso líder antes de morrer.

Ele mal havia terminado a frase quando a porta se abriu e Mattis entrou correndo, feliz. Deu uma volta inteira pelo salão, gritando como um louco.

— Tenho um filho! Ouviram? Tenho um filho!

— Menino ou menina? — perguntou Skalle-Per, do seu canto.

— Uma filha de bandoleiro, com muita honra — repondeu Mattis. — Filha de bandoleiro, sim, senhor, e lá vem ela!

Lovis entrou na sala carregando sua criança. Um silêncio absoluto tomou conta da sala.

— Acho que até me engasguei com a cerveja — disse Mattis. Ele pegou a menina no colo, mostrando-a para todos de seu bando. — Aqui está ela! Vejam a criança mais linda da fortaleza dos ladrões!

A menina o olhava com os olhos muito abertos.

— Esta criança já entende muito do que está acontecendo — disse Mattis.

— Qual será o nome dela? — quis saber Skalle-Per.

— Rônia — disse Lovis. — Como eu já havia decidido há muito tempo.

— Mas e se fosse um menino? — Skalle-Per quis saber.

Lovis olhou para ele, insatisfeita.

— Se eu decidi que a minha criança se chamaria Rônia, só poderia nascer uma Rônia!

Ela se virou para Mattis e perguntou:

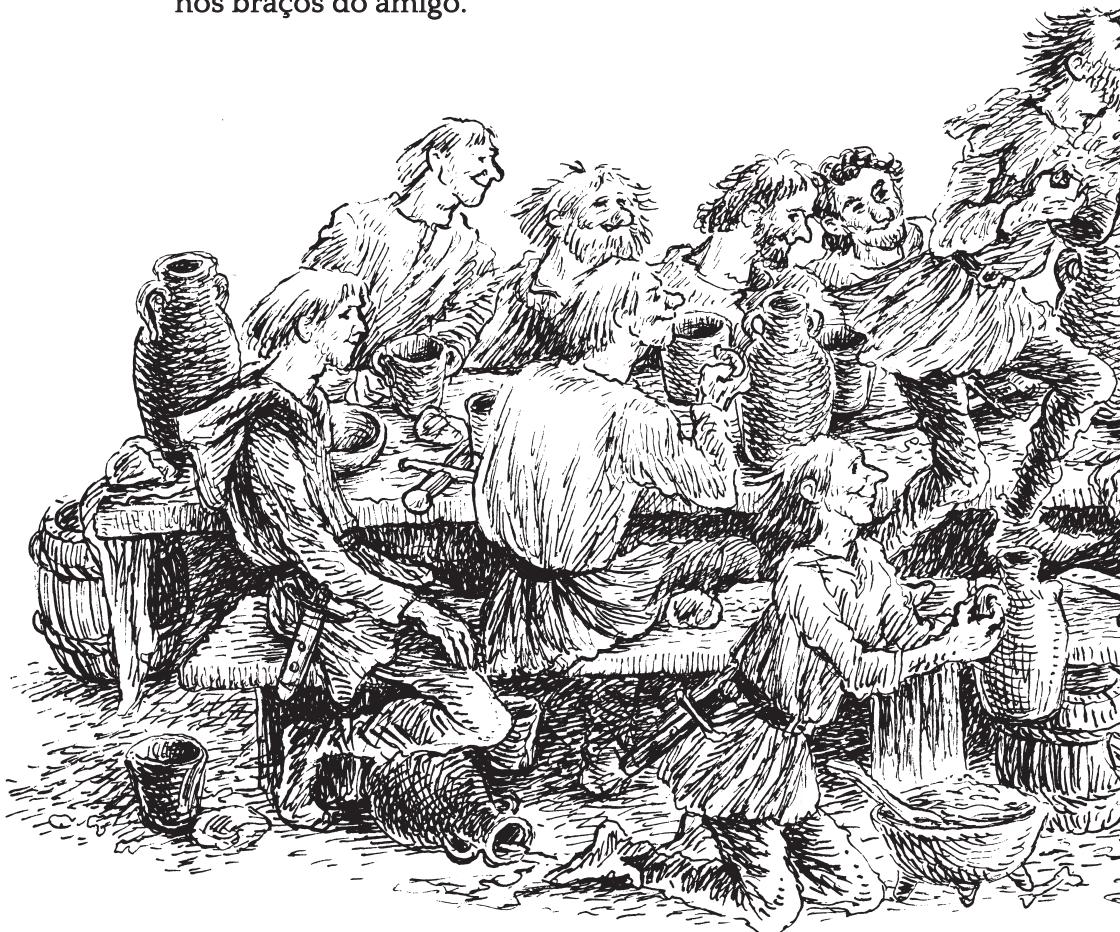
— Quer que eu a leve daqui?

Mattis não quer se separar da filha. Ele fica admi-

rando seus olhos brilhantes, sua pequena boca, seus cachinhos negros, suas mãozinhas, e estremece de tanto amor que já sente pela criança.

— Você, pequena, em suas mãozinhas, carrega o meu coração de bandido — disse ele. — Eu não entendo como isso aconteceu, mas é assim mesmo.

— Posso segurá-la um pouco? — perguntou Skalle-Per. Mattis depositou Rônia com muito cuidado nos braços do amigo.



— Aqui está a herdeira, como você pediu há tanto tempo. Não a deixe cair, pois seria o seu último minuto de vida.

Skalle-Per deu um sorriso desdentado para Rônia.

— Ela não pesa nada — disse ele surpreso, levantando-a algumas vezes.

Mattis ficou zangado e lhe arrancou a criança dos braços.



— O que você esperava, seu imbecil? Um bandido gordo, com a pança caída e cheio de barba?

A partir daquele momento, todos os membros do bando entenderam que, para que Mattis não ficasse mal-humorado, deveriam medir suas palavras quando fossem falar da criança. Não era uma boa ideia enfurecer o líder. Por isso, começaram imediatamente a elogiar a recém-nascida. Eles também tomaram muita cerveja em sua honra, deixando Mattis bastante contente. Ele se sentou em seu trono e continuou a mostrar-lhes sua linda filha.

— Esse acontecimento vai deixar Borka completamente maluco — disse Mattis. — Ele ficará morrendo de inveja. Vai ranger os dentes tão alto que as harpias e os anões cinzentos de sua floresta precisarão tapar os ouvidos, podem ter certeza!

Skalle-Per concordou e deu uma risadinha:

— Sim, isso vai tirá-lo do sério. Porque agora a linhagem de Mattis terá descendentes, mas a dele irá direto para o brejo.

— Isso mesmo — disse Mattis —, direto para o brejo! Até onde sei, Borka não tem nenhum herdeiro, nem terá.

Ouviu-se, então, um tremendo trovão, o mais poderoso de todos os tempos, na floresta de Mattis.

Os bandidos ficaram pálidos de pavor. Skalle-Per chegou a cair no chão, devido à sua fraqueza e idade avançada. Rônia começou a chorar baixinho, deixando Mattis bastante perturbado.

— Minha filha está chorando — gritou ele. — O que eu faço, o que eu faço?

Lovis, sem perder a calma, pegou a filha dos braços do pai e a colocou junto ao peito. A criança parou de chorar no mesmo instante.

— Que estrondo dos diabos — exclamou Skalle-Per. — Tenho certeza de que atingiu alguma coisa.

Skalle-Per tinha toda a razão: os grandes estragos da tempestade puderam ser observados na manhã seguinte. A antiga e imponente fortaleza no alto da montanha havia sido gravemente atingida e agora estava dividida ao meio, desde a parte mais alta dos muros até a mais profunda, nos subterrâneos.

— Rônia, sua vida já começou com um grande estrondo — disse Lovis quando, com a criança



nos braços, se aproximou do muro arruinado e viu a desgraça. Mattis rugia como um animal selvagem. Como algo assim podia ter acontecido com o castelo de seus antepassados? Mas a raiva de Mattis nunca durava muito tempo — ele logo aceitava.

— Bom, assim não teremos mais tantos labirintos, porões e entulhos para limpar. Além disso, ninguém mais vai se perder por aqui. Vocês se lembram daque-la vez que Skalle-Per se perdeu e só achou o caminho de volta quatro dias depois?

Skalle-Per não queria ser lembrado do ocorrido. Como uma coisa daquelas podia ter lhe acontecido? Ele apenas queria comprovar como o castelo era gigante e extraordinário, mas acabara se perdendo de verdade. O coitado estava praticamente morto, quando enfim conseguiu voltar para o salão de pedra — e só porque os outros ladrões estavam fazen-do uma algazarra tão grande que ele ouviu de longe e se localizou.

— Nós nunca usamos o castelo inteiro mesmo — disse Mattis. — Continuaremos ocupando nossas salas, aposentos e quartos na torre, como sempre fizemos. A única coisa que me deixa furioso é que fi-camos sem o nosso banheiro. Raios e trovões! Ago-ra ele está do outro lado do precipício, e coitado

daquele que não puder se segurar até que possamos fazer um novo.

A instalação do novo banheiro foi feita e tudo voltou a correr normalmente no castelo de Mattis. A única diferença agora era que havia uma criança por lá. Uma criança pequena que aos poucos amolecia o coração de Mattis e de todos os outros bandidos, como Lovis logo percebeu. Não que fosse ruim ficarem um pouco mais delicados em suas maneiras e menos rudes em seus modos, mas tudo tinha um limite. Não era natural ver doze bandidos, ao lado de seu líder, rindo feito bobos só porque uma criança acabara de aprender a engatinhar pelo piso de pedras do salão, como se fosse uma das maiores maravilhas deste mundo. É verdade que Rônia engatinhava muito depressa, porque apoiava seu pé esquerdo de maneira muito especial, algo que os ladrões consideravam extraordinário. Mas, como dizia Lovis, todas as crianças aprendem a engatinhar um dia, e isso sem que seus pais deem gritos de júbilo, percam a cabeça e esqueçam de trabalhar.

— Querem que Borka se encarregue de todos os roubos da floresta de Mattis? — ela perguntava bruscamente quando todos voltavam mais cedo, liderados por Mattis, só para ver Rônia tomar o seu mingau antes de Lovis fazê-la dormir.

Mattis nem lhe dava ouvidos.

— Minha Rônia, minha pombinha — gritava quando Rônia engatinhava em sua direção quando ele chegava. Depois colocava a bebê em seu colo e lhe dava o mingau, observado pelos seus doze bandidos. A tigela ficava sobre o fogão, um pouco afastado, e, sendo Mattis bastante desajeitado, muito do mingau ia parar no chão. Além disso, Rônia empurrava a colher de vez em quando, sujando o rosto do pai. A primeira vez que isso aconteceu, os bandidos riram tão alto que Rônia chorou de tão assustada. Mas ela não demorou para compreender que havia feito algo divertido e passou a repetir o gesto com frequência, o que deixava os ladrões muito contentes. Mattis não gostava muito de ser motivo de risadas, mas apreciava tudo que vinha de Rônia.

Até Lovis achou engraçado e deu gargalhadas quando viu o marido com as sobrancelhas sujas de mingau.

— Pobre de você, Mattis! Quem poderia imaginar que você é o bandoleiro mais poderoso de todas as montanhas e florestas? Se Borka te visse agora, morreria de rir!

— Eu o faria perder a vontade de rir no mesmo segundo — disse Mattis calmamente.

Borka era o seu arqui-inimigo. O pai e o avô de Borka haviam sido arqui-inimigos do pai e do avô de Mattis. Os Borkas e os Mattis tinham suas desavenças desde tempos imemoráveis. Sempre haviam sido bandoleiros e eram o pesadelo das pessoas honestas que precisavam atravessar, com seus cavalos e carroças, as florestas onde eles viviam e cometiam seus assaltos.

“Deus, ajude aqueles que precisam atravessar o Caminho dos Ladrões”, pediam as pessoas, quando se referiam ao estreito desfiladeiro da montanha entre a floresta de Borka e a floresta de Mattis.

Os bandidos ficavam sempre à espreita por lá, podendo pertencer tanto ao bando de Borka quanto ao de Mattis — não fazia diferença para aqueles que eram assaltados. Mas para Mattis e Borka havia uma imensa diferença. Eles lutavam até a morte pela presa e roubavam descaradamente um do outro, quando não passavam carroças suficientes pelo Caminho dos Ladrões.

Rônia não sabia nada sobre isso, pois ainda era muito pequena. Não tinha a mínima ideia de que o pai era o temido líder dos bandoleiros. Para ela, Mattis era apenas o barbudo bonzinho que ria, cantava e gritava enquanto lhe dava mingau — e ela o adorava.

Rônia ia crescendo e, pouco a pouco, explorando o mundo ao seu redor. Por muito tempo, achou que o grande salão era o mundo inteiro. Ali se sentia muito feliz e segura, brincando debaixo da longa mesa com as pedras e pinhas que ganhara de seu pai. O salão de pedra não era um lugar ruim para uma criança, pois ela podia brincar e aprender diversas coisas. Rônia gostava muito quando os ladrões cantavam em frente ao fogo, à noite. Ela ficava quietinha debaixo da mesa, escutando com muita atenção, até aprender todas as canções dos bandoleiros. Depois cantava com uma voz bem alta e clara, e Mattis ficava admirado com o talento da sua maravilhosa criança. Ela logo aprendeu a dançar também. Quando os ladrões começavam a saltitar pela sala, Rônia os acompanhava, o que deixava seu pai em completo deslumbrado. Terminada a dança, iam todos se refrescar e tomar algumas cervejas, e Mattis aproveitava para se gabar de sua filha.

— Ela é tão bela quanto uma harpia, não é verdade? Tem a mesma agilidade, os mesmos olhos escuros e os cabelos negros. Vocês nunca tinham visto uma menina tão linda como ela, não é?

Os bandidos concordavam rápido. Rônia ficava quietinha debaixo da mesa, brincando com suas pedras e pinhas, e, quando via os pés dos ladrões com